

Fundação Getulio Vargas - EAESP/FGV
Gvpesquisa

Danilo Santos
Rafael Oshiro

**Relatório de campo referente aos Assentamentos localizados em Uberlândia -
MG**

“Se o campo não planta, a cidade não janta”
Líder do MST

São Paulo
2014



Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a EAESP/FGV e a GVpesquisa por ter proporcionado tamanha experiência de campo. Agradecimentos especiais a equipe do GVpesquisa, primeiramente ao Professor Rafael Alcadipani por todo conhecimento e suporte teórico, e a Isolete Rogeski que planejou e deu todo o auxílio necessário para a realização desta pesquisa. Agradecemos também ao nosso orientador de pesquisa Fábio Grigoletto, que participou em parte de nossa pesquisa e nos forneceu todo embasamento teórico e prático necessário para realizar observações e entrevistas de campo com excelência. Além disso, agradecemos também às pessoas que participaram durante a pesquisa de campo, em especial aos Professores Peterson Gandolfi e Cristiane Betanho e a equipe do CIEPS. Somos muito gratos pela contribuição de dados qualitativos fornecidos pelos assentados, em especial alguns líderes locais, como Juarez Moura do assentamento Emiliano Zapata, Ismael e Ruy da fazenda Tangará. Por fim, mas não menos importante, gostaríamos de agradecer todo suporte e auxílio da equipe da sub prefeitura da cidade de Uberlândia.

Sumário

Breve histórico.....	3
Introdução.....	5
Metodologia.....	6
Situação Problema.....	8
Atores.....	12
Percepções dos atores e como influenciam a vida dos assentados.....	15
Mapa: Assentado e influências.....	18
Análise.....	18
Conclusão.....	20
Bibliografia.....	22

Breve histórico

Movimento Sem Terra (MST)

O Movimento Sem Terra (MST) surgiu com o propósito de reivindicar direitos previstos na lei do Estatuto da Terra. Tal lei refere-se aos direitos e deveres relacionados aos bens imóveis rurais, para a finalidade de realização da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola. Podemos definir o termo Reforma Agrária como um conjunto de ações e medidas que buscam melhorar a distribuição de terra, com o intuito de satisfazer aos princípios de justiça social e ao aumento de produtividade. Já Política Agrícola, podemos entender como o conglomerado de medidas de amparo à posse da terra, que busquem a orientar, em prol das atividades agropecuária e economia rural, com o objetivo de garantir oportunidades de emprego e, também, com o intuito de integrar ao processo industrial do Brasil.

Segundo o artigo 2º, “É assegurada a todos a oportunidade de acesso à propriedade da terra, condicionada pela sua função social, na forma prevista nesta Lei.” A função social citada no artigo acima desempenha sua função, quando, ao mesmo tempo: auxilia o bem-estar dos detentores e dos colaboradores que nela trabalham, bem como suas respectivas famílias; garante níveis mínimos de produtividade; certifica a permanência dos recursos naturais; verifica as ordens legais que coordenam as relações de trabalho entre os proprietários e os trabalhadores. Desta forma, o acesso a propriedade da terra é assegurada pela lei, caso a função social não esteja sendo cumprida.

Os participantes do Movimento Sem Terra são, em sua maioria, trabalhadores rurais que buscam reivindicar seus direitos previstos em lei. Os caminhos encontrados por tal movimento para conseguir atingir seus direitos são, em primeira instância, os acampamentos. Tais acampamentos geralmente acontecem em terras que não desempenham a sua função social, onde diversas famílias se reúnem e permanecem no local com o objetivo de pressionar o governo para conseguir seus direitos.

A partir do momento em que o governo se sente pressionado, há a tentativa da aquisição e distribuição de terras, que pode acontecer da seguinte maneira: compra ou

desapropriação das terras de grandes latifundiários pelo Estado e, em seguida, há uma divisão das terras em diversos lotes para cada família.

As terras adquiridas pelo Estado e redistribuídas entre as famílias camponesas são nomeadas como assentamentos. Devido a muitas questões e conflitos envolvidos durante a concessão dessas terras, o assentamento significa uma situação menos turbulenta onde os problemas territoriais são parcialmente resolvidos. Contudo, apenas o recebimento das terras não significa que a qualidade de vida se alterou por completo, pois diversas vezes, os locais onde as famílias foram assentadas não possuem condições básicas para a produção e habitação. Alguns exemplos são: ausência de água potável, moradia, eletricidade, escolas, hospitais, etc. Por outro lado, alguns estudos mostram que as famílias assentadas possuem um certo grau de melhora em seu padrão de vida, principalmente em relação a sua renda e o poder de compra.

Uberlândia

A nossa experiência de campo foi realizada na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Segundo informações do IBGE sua população atual é de 604.013 habitantes, possui uma área de 4.115,206 km² e apenas 3% da população que vive em áreas rurais. A cidade de Uberlândia sofre bastante influência do Agronegócio, principalmente por conta das cinco grandes empresas deste setor que são: Martins Comércio e Serviço de Distribuição - S/A, Arcom S/A, Peixoto Comércio Indústria Serviços e Transportes S/A, Expresso União Ltda. e Aliança Metalúrgica S.A. Devido a tamanha influência por parte dessas grandes corporações, algumas ações políticas foram feitas buscando favorecer latifundiários, exportadores e grandes empresas.

Introdução

O anúncio a respeito do local que realizaríamos a nossa experiência de campo foi feito na primeira aula da disciplina “preparação para imersão no campo”. Nesta aula recebemos a notícia que teríamos a oportunidade de acompanhar e ter uma vivência de campo junto ao Movimento Sem Terra (MST) e o destino seria a cidade de Uberlândia, localizada no estado de Minas Gerais. Por falta de conhecimento sobre o movimento, localidade e com apenas informações provenientes da mídia, o primeiro pensamento que surgiu em relação ao MST foi relacionado aos possíveis conflitos entre os participantes do movimento e os grandes fazendeiros. Já em relação a cidade de Uberlândia, a primeira impressão que tivemos foi de uma cidade muito pequena, principalmente pela curta distância entre os assentamentos e o centro urbano. Após utilizar a internet como fonte de pesquisa para encontrar informações pertinentes a Uberlândia e o MST, tivemos a impressão que encontraríamos alguns assentamentos e acampamentos em situações de extrema pobreza tanto econômica quanto cultural.

Uma de nossas preocupações girava em torno da obtenção de informações para formar uma base de dados qualitativa de modo a formular um relatório conciso, uma vez que não sabíamos o que esperar em termos de receptividade por parte dos assentados e de todos os demais envolvidos. Entretanto, mesmo necessitando de sua atenção e tempo, além de não termos algo concreto e relevante para entregar como um agradecimento pelo compartilhamento de histórias e conhecimento, fomos recebidos de forma muito agradável e acolhedora.

Dessa forma, a experiência de campo apresentou situações bem diferentes do que o esperado, principalmente em relação a imensurável receptividade, grande capacidade intelectual e o elevado grau de conhecimento político por parte de alguns assentados. Além disso, o clima nos assentamentos era mais tranquilo do o que o esperado, e a percepção de que o clima é mais turbulento nos acampamentos, devido à incerteza sobre a terra, se manteve.

Metodologia

A metodologia desse trabalho considera o caráter exploratório da pesquisa que o grupo resolveu assumir. De forma franca e humilde, assumimos a origem metropolitana da dupla e a falta de tangência com o objeto de pesquisa proposto ao longo do nosso acúmulo de vida.

Quisemos então, aos poucos, nos aproximar e nos permitir a uma maior familiaridade com o tema pesquisado. Isso teve início antes mesmo da viagem a Uberlândia, na conversa com o pesquisador Fábio Grigolletto e na leitura dos textos¹ propostos por ele. Em Uberlândia, já em loco, o processo assumido foi o de sondagem, com vistas a aprimorar ideias, aguçar percepções e as intuições que foram surgindo. A partir disso, construímos perguntas e hipóteses.

Nas idas a campo levávamos nossos cadernos para tomada de nota de informações importantes. Esses cadernos também foram usados para transcrever as entrevistas gentilmente concedidas por algumas pessoas selecionadas pela influência destacada ou tempo considerável de vida no local.

Tais entrevistas individuais foram pontos importantes da pesquisa. Momentos em que podemos conhecer mais a fundo a realidade de alguns dos assentados e de suas famílias. As entrevistas seguiram o modelo de roteiro semiestruturado. Antecipadamente, considerando a afetação da organização da produção e das políticas públicas na vida daquelas pessoas, decidimos construir algumas perguntas que deixavam o entrevistado fluir sobre o seu histórico de vida e vínculo com a terra e com o MST. Ao longo da entrevista, guiávamos, ao nosso entendimento, para questões vinculadas à produção e às políticas, isso, sem muito rigor, de modo a não perder a apreciação na riqueza das histórias que foram sendo contadas. Sendo assim, utilizamos da percepção para mudanças no rumo da entrevista, adaptando a cada entrevistado e aproveitando da flexibilidade do tempo.

Ao final de cada dia, fazíamos nossos diários de campo, que eram apanhados da experiência do dia vivido.

Acompanhamos reuniões da comunidade local, dias de trabalho, visitamos casas de pessoas. Fomos à prefeitura para conhecer mais sobre as políticas públicas. E visitamos uma escola e uma entidade que recebem alimentos da agricultura familiar.

Se há que se falar de dificuldade, tendo em vista a abertura e pré-disposição a falar de todos os atores, podemos falar da necessidade de a todo momento termos que interpretar e entender as respostas sabendo que eram formadas a partir do que representávamos naquele contexto. Ou seja, diante do que um grupo da FGV podia representar para aquelas pessoas, tínhamos que interpretar, a partir disso, as respostas nos dadas. Por exemplo, funcionários do poder público tendem a promover as políticas públicas implementadas.

Nada nos impediu também de, ao longo dos dias, buscar consonância com outras fontes que deram base ao tema abordado. Fizemos a leitura de artigos² e vídeos³.

Situação Problema

A situação problema é uma complexidade. É um emaranhado político-social que envolve diversos atores que influenciam a situação de vida dos assentados e, para a infelicidade deles, continuam resultando em uma situação que parece não promover uma melhor qualidade de vida, ou melhor, uma independência de políticas públicas, atravessadores, do agronegócio e das forças impositivas da vida dura do campo.

Podemos começar a traçar desse emaranhado acompanhando a história de formação dos assentamentos através das entrevistas.

Acampamento

“Viemos sem saber o que ia acontecer. O movimento na época era o MLST e depois passou a ser o MTL. Nos prometeram terra. Eu não tinha noção de onde eu estava. Havia muitas barracas, prostituição, roubos e drogas. Havia uma pressão sobre

nós. Não podíamos fofocar. Paquerar mulher de outro era inaceitável. Só podíamos ir para a cidade com senha e na volta havia revista nas nossas bolsas. Muitas mentiras e poucas informações claras sobre nosso futuro.”

Esse começo de relato é da Maria*, moradora de 60 anos que há 15 está no assentamento Tangará, tendo feito parte de sua fundação. Esse discurso se localiza no momento em que ela deixa a cidade para tentar conseguir um pedaço de terra no campo. Para tanto, vincula-se a um dos movimentos, o MLST. O momento primeiro é o, reconhecido por todos como o mais difícil, o “período de lona”. Fase inicial onde os agricultores ocupam um pedaço da fazenda e permanecem embaixo de barracas formadas com saco plástico preto. Nesse pedaço da entrevista, podemos tecer uma série de interpretações sobre os métodos que as organizações dos movimentos assumiam como estratégia para ocupação da terra. Podemos entender como a necessidade em se manter um controle rígido sobre 2000 pessoas (*estimativa fornecida pelas pessoas), haja visto a constante ameaça externa por parte da polícia, dos jagunços e de outros movimentos, o que exigia uma resistência organizada. E também podemos adentrar dentro desse organismo que é um acampamento. Um ambiente com famílias, mas também de homens e mulheres solteiras, de uma escassez permanente de recursos exigindo e criando uma cultura de compartilhamento, gerando uma solidariedade interna. Mas essa força, criada da necessidade de cuidar também do outro, não minimiza as fragilidades sociais. A entrevistada relata casos de roubos, assédios, prostituição e uso de drogas dentro do grupo.

A entrevistada também relata que havia também ameaças de expulsão àqueles que não se submetiam às condições e a suspeita constante de que, por parte dos líderes, poderia haver desvio de dinheiro. E que entre os movimentos, poderia haver concorrência.

“Eles botavam medo da gente. Por qualquer coisa, diziam que iam expulsar. Mas como é que iam colocar ordem em 2000 pessoas? Tinha também burburinhos de que os líderes estavam roubavam a gente. E outros movimentos MST, MTL que também era ameaça.”

Vida no lote

Com a entrevista podemos explorar o que desenhamos em estudos anteriores e no que fomos percebendo ao longo dos primeiros dias. Mais do que a doação do lote, é necessário o auxílio ao pequeno produtor para o cultivo da terra. Além disso, a necessidade do estabelecimento de uma cadeia de produção que capacite o pequeno agricultor a conseguir escoar o que produz.

Essa necessidade é sentida pela entrevistada e pelas outras pessoas com as quais conversamos. Não há como não sentir. É justamente o não poder plantar, o não conseguir vender que impossibilita um melhor rendimento financeiro ao final do mês.

Do ponto de vista do pertencimento, da vida em sociedade, com essa entrevistada tivemos uma surpresa. A mesma relata certa saudade da vida dura do período de lona.

“Eu tenho saudade sim. Eu gostava. Era sofrida, mas eu tinha mais amigos lá. A gente vivia mais juntos, tinha mais interação, mais agito, mais solidariedade. Agora foi cada um para um canto.”

Considerando que essa descrição do isolamento possa ser estendido a outras pessoas. Considerando que nesse segundo momento todos vivem cada um em seu lote, podemos imaginar que há agora uma maior dificuldade para se manterem mais unidos. E essa falta de fraternidade que existia na época dos acampamentos pode ser um dos empecilhos à formação das associações. Tais associações e as cooperativas são vitais para o desenvolvimento da agricultura familiar. Não só nesse acampamento. Essas cooperativas fazem parte da lógica de escoamento do que produzem. É através delas, que os agricultores conseguem dispensar os atravessadores e chegar, eles próprios as cidades. Sem essa união que os apossam da comercialização dos próprios bens que consomem.

A entrevistada dá também um outro indicativo quando perguntada do porquê das associações não darem certo:

“O povo aqui sofreu muito com as direções passadas. Sofreu muito com tudo. A

vida aqui foi bem sofrida. Então o povo é muito desconfiado com os líderes, não apoiam. São até um pouco ingratos”

Sobre a capacidade produtiva dos assentados ela estimou que apenas 30% dos assentados *“plantam alguma coisa”*.

Sobre as políticas públicas, podemos sentir a falta de diálogo dos projetos propostos pelo poder público com a comunidade a ser atendida. Sobre um dos principais projetos correntes, a ser discutido ao longo desse relatório, a entrevista diz que ele *“não deu certo porque forçaram ele.”*

É importante que dessa entrevista entendamos o que mais importa no aspecto da independência do grupo. É através das propulsoras políticas públicas que os assentados conseguiriam um dia *“caminhar com as próprias pernas”*. Com essa entrevistada conseguimos a primeira pista sobre a falha de um desses projetos oriundos da prefeitura, o projeto Mandala.

O projeto Mandala se constitui num programa agroecológico. É uma forma de cultivo policircular concêntricos de policulturas, com adubação natural oriunda do material orgânico gerado por peixes e patos criados no centro do policultivo.

O projeto é inovador por permitir vários cultivos ao mesmo tempo, utilizar de adubação natural, não demandar uso de agrotóxicos e permitir renda ao agricultor. Ele teve suporte da prefeitura, foi um dos programas municipais. 46 mandalas foram construídas, menos de 5 estão funcionando. Visitamos algumas delas, tanto que *“deram certo”*, quanto as que *“deram errado”*.

O entendimento da problemática Mandala é fundamental nesse nosso contexto porque seu insucesso está ligado a história de vida dos assentados, a falta de associações e cooperativas para a organização da produção, a falta de uma assistência técnica mais frequente e próxima e a falta de mão-de-obra. Sim, falta de mão-de-obra. O que sentimos nas mandalas que deram certo era que todas tinham braços jovens. E notamos o sofrimento dos assentamentos das pessoas de mais idade. Para esse tipo de pessoas é evidente que o tipo de programa deve ser outro. E ficamos muito felizes em ver um posto

de saúde sendo construído. Era um médico cubano chegando onde os médicos brasileiros não se preocuparam em chegar.

Para entender um pouco mais do insucesso das mandalas entrevistamos os líderes Juarez, Ruy e Ismael dos assentamentos Zapata e Fazenda Tangará. Além de conhecermos suas histórias de vida quisermos saber a opinião deles sobre as mandalas.

Sentimos que os motivos cercaram em torno da não escolha mais rigorosa sobre quem seriam os mandaleiros. Também da falta de assistência técnica. E também da falta de organização do escoamento. Os mandaleiros plantavam mas não conseguiam vender seus produtos. Isso para o agricultor é grande fator desestimulante.

Atores

Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (CIEPS)

“ O Cieps é vinculado à Pró Reitoria de Extensão da UFU e desenvolve atividades para a incubação de empreendimentos populares no viés da Economia Solidária, com o objetivo de gerar trabalho e renda para a população carente. Portanto, o propósito deste novo projeto a ser incubado é desenvolver ações educativas, voltadas para a transição agroecológica e a capacitação de comercialização dos produtos orgânicos, nas comunidades de reforma agrária.” (CIEPS, 2014,<http://www.cieps.proex.ufu.br/node/83>)

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

A Universidade Federal de Uberlândia foi fundada em 1950 com apenas alguns cursos superiores de graduação. Já em 1980, a universidade passou a ser referência regional no âmbito educacional. Atualmente são oferecidos 32 unidades acadêmicas com 68 cursos de graduação, 37 programas de pós graduação que oferecem 33 cursos de mestrado acadêmico, 04 cursos de mestrados profissional e 19 cursos de doutorado. A

UFU atua em diversos campi nas cidades de Uberlândia, Ituiutaba, Patos de Minas e Monte Carmelo.

Prefeitura

PAA

O programa criado pelo governo possui o objetivo incentivar a agricultura familiar e conceder alimentos a uma parcela da população que se encontra em situação de insegurança alimentar. Através do PAA, estoques estratégicos foram construídos e destinados para o abastecimento de mercado institucional de alimentos e, além disso, faz com que os produtos provenientes da agricultura familiar sejam estocados e vendidos a preços mais justos. O PAA proporciona a compra de produtos de agricultores familiares a preços semelhantes aos praticados nos mercados regionais. O destino desses alimentos são: restaurantes populares, cozinhas comunitárias e bancos de alimentos para famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

(Fonte <http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/decom/paa>)

PNAE

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) tem como objetivo principal a compra de gêneros alimentícios provenientes da agricultura familiar e o repasse para escolas. O programa busca atender todos os alunos presentes na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos. Visando incentivar ainda mais a agricultura familiar e os pequenos produtores foi criada a “lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, determina que no mínimo 30% do valor repassado a estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da

Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) deve ser utilizado na compra de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e as comunidades quilombolas.”
(*fonte:*<http://www.fetaesp.org.br/fetaesp/index.php/politica-agricola/pnae>)

Intermediários / “Atravessadores”

Os atravessadores são aqueles que fazem o intermédio entre o produzido pelo assentado e os comerciantes da cidade. O que acontece é que o assentado ou não dispõe de meio de transporte próprio para fazer esse escoamento, ou se tem, o custo do combustível faz não compensar a ida para a cidade. Ou ele não sabe fazer essa venda, não tem a habilidade comercial para tanto. A única forma de se apropriarem desse elo, é através de cooperativas.

Agronegócio

O agronegócio é o, ao mesmo tempo, agente mais externo à realidade dos assentados mas é, ao mesmo tempo, aquele que mais influencia a vida daquelas pessoas. Podemos dizer que é o ator capitalista, e o como tal influencia todos os outros. O poder público é influenciado pelo agronegócio na medida em que os eleitos tem sua campanha financiada por ele, ou são os próprios eleitos parte do negócio. As universidades são influenciadas pelo agronegócio na medida em que toda a estrutura do curso é voltado para essa lógica.

Conversamos com estudantes do curso de Engenharia Agrícola envolvidos com agricultura familiar através do Cieps, eles diz que cadeiras não fazem do curso. E que ao tentarem orientação com um professor em agricultura familiar, com manejo sem uso de agrotóxicos, esse disse: “*não, não, isso daí pode ser perigoso*”.

Nos perguntamos: “Onde está o perigo? De qual perigo o professor estava falando? E qual a força desse perigo de modo a causar repulsa ou medo a um professor em simplesmente poder pesquisa sobre o tema?”

Percepções dos atores e como influenciam a vida dos assentados

Prefeitura / Técnicos / ADM:

Tentamos investigar as interações entre o poder público e os assentados. Para tanto, fomos em 3 visitas técnicas acompanhando técnicos e engenheiros da prefeitura.

Dessa visitas podemos, podemos dizer que os agentes da prefeitura tinham sim conhecimento sobre as técnicas de plantio, adubação, irrigação, de sementes etc a serem passadas aos assentados. E que também essa relação era amistosa. Podemos questionar se as visitas eram feitas na frequência necessária, e se o tempo disponibilizado ao assentado não podia ser maior. Mas muito do que aconteceu nesses 3 dias de visitas suspeitamos que fosse por causa de nossa presença. Os agentes também sempre diziam da falta de conhecimento técnico por parte dos assentados.

UFU

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) atua neste contexto principalmente via a incubadora CIEPS. Porém há uma grande influência em prol do agronegócio dentro da academia, uma vez que a grande maioria dos professores são a favor da monocultura e utilização de defensivos agrícolas. Principalmente no curso de agronomia, tal fato é extremamente presente. Segundo relatos, o aluno de agronomia passa grande parte do curso aprendendo os benefícios de se utilizar defensivos agrícolas e que o agronegócio traz grandes recompensas financeiras. Já em relação a agricultura orgânica, existem poucas matérias que a defendem e geralmente são ministradas ao final do curso de graduação. Portanto, o aluno de agronomia já sai com o pensamento totalmente voltado para o agronegócio, dificultando ainda mais o processo de transição agroecológica. Pois

os detentores de conhecimento e formadores de opinião já estão totalmente influenciados pelo agronegócio.

CIEPS

“Economia solidária: é uma nova lógica de desenvolvimento sustentável para garantir o crescimento econômico e proteção dos ecossistemas. Seus resultados são compartilhados pelos participantes, sem distinção de gênero, idade e raça, e implica na reversão da lógica capitalista ao se opor à exploração do trabalho e dos recursos naturais, considerando o ser humano na sua integralidade, como sujeito e finalidade da atividade econômica.” (CIEPS, 2014, folheto informativo)

Visto isto, a incubadora busca auxiliar o assentado via economia solidária, com questões tanto econômicas quanto ambientais. Em relação ao aspecto econômico, o CIEPS busca auxiliar na organização da produção e o escoamento de produtos. Assim, a incubadora teve a iniciativa de auxiliar na fundação de uma associativa entre dois assentamentos da região (Canudos e o Emiliano Zapata). O plano inicial implementado foi a associação de 21 famílias para conseguir atender alguns programas do governo, como o PNAE. Desta forma, houve um acordo entre a ACAMPRA e a prefeitura em relação a quantidade e quais tipos de alimentos deverão ser entregues. Dentre eles, estão: acelga, brócolis, berinjela, cheiro-verde, couve, limão e melancia. Com essa parceria, as famílias associadas planejam e efetuam sua produção já cientes que haverá o escoamento de seus produtos. Tal parceria foi vista como uma grande vitória e o primeiro passo para melhorar a situação das famílias. A partir desta conquista, há o surgimento de novos desafios e, segundo um dos coordenadores da associação “essa conquista já aponta novos desafios às famílias a curto-médio prazo, como organizar a produção paulatinamente, fortalecer a associação pelo coletivismo e solidariedade, transitar 100% da produção à agroecologia, aumentar o número de famílias na entidade, ampliar a discussão com a

sociedade, especificamente nas salas de aula, assim como debater a cadeia produtiva dos alimentos com as crianças.”

Já em relação ao aspecto ambiental, a incubadora busca auxiliar na transição do sistema de agricultura convencional para a agroecologia, que consiste em uma proposta alternativa de agricultura familiar socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável. Houve também a preocupação com o reflorestamento, por isso está acontecendo a introdução do Sistema Agroflorestal, conhecido como SAF que possui o objetivo de realizar a reflorestação gradual, ou seja, ao mesmo tempo que o trabalhador planta para conseguir sua renda monetária, ele também planta algumas espécies de planta nativa, visando o reflorestamento. Portanto, o CIEPS atua de forma a auxiliar a população assentada tanto no âmbito econômico, quanto ambiental.

Intermediários / “Atravessadores”

Os intermediários tiram proveito da situação em que o assentado se encontra, pois há uma grande dificuldade em relação a logística e o comércio dos produtos agrícolas. No quesito de logística as variáveis problemáticas são: falta do meio de transporte, necessidade de atingir mercados mais próximos, ponto de venda e ausência de um armazém. A questão da logística pode ser minimizada ou até resolvida com criações de associações para dividir os custos, facilitar o acesso a mercados e a construção de armazéns comunitários. Em relação ao comércio, presenciamos uma falta de assistência técnica com enfoque na venda dos produtos e certa falta de pró atividade de uma pequena parcela de assentados. Assim, os intermediários aproveitam essas fraquezas para de beneficiar-se financeiramente, pois conseguem comprar a preços extremamente baixos e vender a preços competitivos com o mercado. Com isso, suas margens de lucro são gigantescas, enquanto que o assentado, por diversas vezes, não consegue se quer ter o que comer.

Mapa: Assentado e influências



Análise

Políticas públicas oriundas do governo federal aplicadas segundo as dinâmicas das prefeituras, não respeitando o momento da comunidade. Uma assistência técnica que não dá conta de resolver os problemas de produção e ainda a falta de cooperativas fortes o suficiente para o organizar o escoamento do produzido, gerando a sonhada economia solidária.

A falta de organização da produção significa que não há critério na escolha do que será plantado, gerando competição desnecessária e preços baixos. Não há organização para escoamento, ou seja, não há compartilhamento de transporte para levar produtos à cidade. Não há mercado estabelecido na cidade, ou seja, eles não conquistaram clientes e não tem para quem vender. Isso faz com que haja a dependência de atravessadores que ficam com a maior parte do lucro, por exemplo, compram o pé de alface a R\$ 0,50 e vendem a 4 ou 5 vezes o preço na cidade.

As associações surgiram para tentar solucionar, dentre outros, esse problema. Mas há a falta de confiança e de comprometimento dos assentados para fortalecerem tais associações. “*Parece que vocês querem ficar na merda mesmo*”, frase dita por um líder de associação após a falta de comprometimento das pessoas em entregarem a documentação necessária para registro da cooperativa. O atravessador que cria um caminho mais fácil mas mais explorador acaba sendo o caminho encontrado pelos assentados para venderem seus produtos.

Escoamento

Uma frase que demonstra claramente a situação do assentado “Vocês são um leão dentro de sua propriedade, mas um gatinho fora dela”. Tal frase se refere ao assentado e foi citada por um assistente técnico durante uma visita a campo. A partir de entrevistas e pesquisas de campo, concluímos que o assentado até consegue produzir uma quantidade considerável de plantas leguminosas e hortifrúti. Contudo, não consegue efetuar o escoamento destes produtos. Ou seja, a mercadoria não chega ao consumidor final e diversas vezes tem um fim completamente diferente em relação ao seu objetivo final.

No assentamento de Canudos acompanhamos alguns casos de apodrecimento e, segundo relato de um assentado, “houve uma grande produção de mandioca, mas não conseguimos vender... jogamos tudo no mato”. Ainda no mesmo assentamento, presenciamos mais um caso de boa produção e ausência de venda. Mas neste caso, o destino da produção estava servindo como alimento para o gado. Mesmo que o excedente da plantação esteja tendo um destino diferente do descarte, ele não é o ideal, pois o

alimento que o gado consome pode ser comprado a preços mais acessíveis em relação as verduras. E, neste caso, a verdura que estava sendo destinada para alimentar o gado era o brócolis, um produto de grande valor econômico e mesmo assim não foi destinada aos consumidores. Outra alternativa encontrada é a venda para os intermediários, popularmente chamado de “atravessadores”. Economicamente não é vantajoso, pois os intermediários, sabendo da situação precária dos assentados, oferecem preços extremamente baixos visando aumentar suas margens. Os assentados se veem em um beco sem saída, pois preferem vender o produto a qualquer preço do que descartá-lo ou alimentar o gado.

Segundo observações, constatamos que há um certo nível de precariedade em relação a informações e conhecimentos sobre comércio. Uma vez que, a assistência técnica prestada pelo governo só consegue fornecer o auxílio em relação a plantação, prevenção de pragas e produção. Por parte de alguns técnicos, notamos uma certa preocupação e a tentativa de fornecer alguns conselhos em relação ao escoamento dos produtos. No entanto, tais conselhos não são suficientes para fornecer uma base mínima necessária para desenvolver habilidades e noções de vendas. Uma das questões problema é o grande número de assentados em relação ao número de técnicos, pois efetuar uma consultoria voltada para o comércio torna-se impraticável.

Um dos caminhos encontrados para tentar diminuir a exploração por parte dos atravessadores, é a criação de associações que visam organizar a produção de diversas famílias. Desta forma, haveria uma queda no custo de transporte, pois o dinheiro investido no veículo e combustível seria dividido entre as famílias associadas. Além disso, com a organização da produção algumas políticas públicas de aquisições de alimentos, como o PAA e o PNAE, tornam-se viáveis.

Conclusão

Sair de São Paulo esperando encontrar o conflito sem-terra x fazendeiro e, na verdade, nos depararmos com um emaranho político-social foi para nós a maior das surpresas e um grande aprendizado desvendá-lo. No fundo não se constituiu grande desafio pois as hipóteses foram resolvidas na medida em que nos imergimos e as entrevistas e conversas foram acontecendo.

Simplificar o problema na falta de organização da produção seria pendermos de mais para o nosso campo de estudos e colocar uma carga de responsabilidade muito grande em cima dos assentados. Há uma história de vida que também explica o porquê dessa dificuldade. Uma história que é marcada por muito sofrimento, falta de oportunidades de estudos, desconfianças e aproveitadores querendo explorar durante anos. Associado a tudo isso, os mais jovens estão migrando para a cidade. Isso representa falta de braço para o serviço duro na terra.

As associações penam para conseguirem se firmar oficialmente, falta a crença e o comprometimento dos associados. Resultado disso é a dependência de atravessadores e de políticas públicas. Políticas públicas e projetos universitários que são esforços externos de boas intenções mas que parecem não respeitar o tempo e a capacidade dos agricultores. E, são eles próprios, os agricultores e os líderes assentamentos, que ao serem questionados por nós sobre para onde iriam ou qual é o futuro que os esperam, as respondam que saem são de desesperança. E isso é triste. Triste porque nos deparamos com pessoas que ofereceram o pouco que tinham. Almoçamos com eles. Tivemos aulas com eles sobre técnicas agrícolas. E o conhecimento demonstrado não foi pouco. Eles sabem daquilo. E não há outra saída senão sendo eles próprios a dizer o que precisam e de como deve ser feito. Que a universidade e que a prefeitura respeitem esse tempo. E que apenas incentivem esforços partidos do interior dos assentamentos. Nossa torcida não é outra senão para que, em poucos anos, voltemos aquelas terras e não a encontremos abandonadas ou vendidas. Nossa torcida é para vejamos todos, antes de tudo, vivendo bem, mas além disso, produzindo e produzindo muito, porque com o que vimos, são totalmente capazes disso.

Bibliografia

<http://www.cieps.proex.ufu.br/inicio>

<http://www.mst.org.br/>

<http://www.mst.org.br/node/15897>

1) A realidade dos assentamentos rurais por detrás dos números (Sonia Maria Pessoa Pereira Bergamasco), Memória histórica na toponímia das lutas sociais da história recente latino-americana (Sebastião Leal Ferreira Vargas), Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos (Clóvis Moura), A sociologia rural na América Latina: produção de conhecimento e compromisso com a sociedade (Maria de Nazareth Baudel Wanderley).

2) Produção e comercialização em assentamentos de reforma (Cristiane Botelho)

3) <https://www.youtube.com/playlist?list=PL65B8EDA288031C36>

* Nome alterado para preservação da pessoa